

VILIPÊNDIO RELIGIOSO E A URGÊNCIA DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES

RELIGIOUS VILIFICATION AND THE EMERGENCY OF GENDER AND SEXUALITIES IN TEACHER TRAINING

Luciana Borre / UFPE

RESUMO

Tramações (2ª edição) foi uma exposição coletiva que integrou uma série de ações voltadas a formação de professoras/es e estudantes de licenciaturas para os desafios da aproximação com a comunidade LGBTT. Foi parte do projeto de pesquisa “Tramas na formação de professoras/es para questões de gênero e sexualidades” desenvolvida no curso de Artes Visuais da UFPE e Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Também se configurou como um projeto de extensão fomentado pelo Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística/Proexc/UFPE e pelo Funcultura/2018. Este artigo apresenta o cenário de censura instaurado por representantes políticos na Câmara dos vereadores de Recife e na Assembleia Legislativa de Pernambuco e pela nota de repúdio publicada pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE).

PALAVRAS-CHAVE: Gênero e Sexualidades; Formação de Professoras/es; Vilipêndio Religioso.

ABSTRACT

Tramações (2nd edition) was a collective exhibition that integrated a series of actions aimed at the training of teachers and undergraduate students for the approaching the LGBTT community. It was part of the research project "Training of teachers for gender and sexuality issues" developed in the Visual Arts course of UFPE and Associate Program of Post-Graduation in Visual Arts UFPE/UFPB. It was also set up as an extension project promoted by the Call for Research in Artistic Creation/Proexc/ UFPE and Funcultura/2018. This article presents the scenario of censorship established by political representatives in the Câmara dos Vereadores of Recife and in the Legislative Assembly of Pernambuco and by the repudiation note published by the National Association of Evangelical Jurists.

KEYWORDS: Gender and Sexuality; Teacher Training; Religious Vilification.

Sabíamos de um possível rechaço e esperávamos que nossas versões de realidade não agradariam a todos. No entanto, o repúdio alcançou-nos com uma composição discursiva jurídica, atribuindo-lhe certo “tom de verdade”. Acusação: vilipêndio religioso. Vocabulário novo para o grupo de estudantes e, em poucas horas, vislumbramos o começo de um cenário de censura e instauração do medo. Segundo a nota de repúdio publicada pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE)ⁱ, no dia 28 de maio de 2018, vilipendiamos publicamente a Bíblia Sagrada ao apresentar várias páginas rabiscadas e adulteradas; menosprezamos o Cristo Crucificado ao trazer memórias de violência no âmbito familiar; depreciamos a Virgem Maria ao colocá-la dividindo espaço com uma vela desgastada em formato de vagina; ofendemos Santo Antônio com a ousadia de trazer um pênis ereto ao seu lado e; afrontamos ou insultamos os rituais religiosos de agradecimento à cura de alguma doença ao expor imagetivamente um ânus.

Resultado: estudantes assustados diante de ameaças nas redes sociais, emissão de inúmeras notas de apoio e de esclarecimentos a comunidade acadêmica, apropriação de termos específicos e orientações jurídicas, busca de parcerias na defesa da liberdade de expressão artística e muitas aprendizagens nos processos de formação de professoras/es de Artes Visuais para questões de gênero e sexualidades.

Tramações (2ª edição), acusada de vilipêndio religioso e repudiada na Câmara dos vereadores de Recifeⁱⁱ e na Assembleia Legislativa de Pernambucoⁱⁱⁱ, foi uma exposição coletiva que integrou uma série de ações que objetivavam a formação de professoras/es e estudantes de licenciatura para os desafios culturais e educacionais para questões de gênero e sexualidades. Aconteceu em maio, junho e julho de 2018 na Galeria Capibaribe/Centro de Artes e Comunicação/UFPE e no Instituto de Arte Contemporânea/Benfica. Foi parte determinante para a produção de dados para a pesquisa “Tramas na formação de professoras/es para questões de gênero e sexualidades” desenvolvida no departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da UFPE e Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. Também se configurou como um projeto de extensão fomentado pelo Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística/Proexc/UFPE, edital

BORRE, Luciana. vilipêndio religioso e a urgência das questões de gênero e sexualidades na formação de professoras/es, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2180-2194.

de apoio as ações de extensão Pibexc/UFPE e pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura.

Os objetivos específicos das ações foram: (1) Desenvolver ações de arte/educação para formação de professoras/es da educação básica e estudantes de licenciatura sobre questões de gênero e sexualidades; (2) Capacitar trinta professoras/es e estudantes de licenciaturas em artes visuais para questões de gênero e sexualidades; (3) Legitimar a produção de jovens artistas pernambucanos pertencentes à comunidade LGBTTT - grupo culturalmente marginalizado; (4) Promover ações educativas para as/os visitantes da exposição; (5) Comunicar as ações e resultados do projeto em eventos científicos relacionados a Cultura Visual e às representações de gênero e sexualidades e (6) Debater sobre as formas de poder e movimentos sociais minoritários, os marcadores sociais da diferença: sexualidades, corpo, raça, etnia, religião e classe social, os estudos *queer* e poéticas pós-pornô.

Para trazer à tona nossos entendimentos, enfrentamentos e aprendizagens a partir da situação citada, apresentamos este texto em três partes reflexivas: (1) Contextualização da exposição coletiva *Tramações* e seus enfrentamentos/impasses religiosos; (2) Processos de mediação cultural como possibilidade de diálogo e de escuta atenta ao outro e; (3) Urgência do pensar questões de gênero e sexualidades nos processos de formação de professoras/es.

1. Tramações e seus enfrentamentos/impasses religiosos



Figura 1: “O mundo se perdeu”. Registro fotográfico de intervenção em *Tramações* (1ª edição), 2016.

Em 2016, a primeira edição da exposição coletiva *Tramações* atravessou alguns enfrentamentos com a comunidade acadêmica. O que esteve em pauta na elaboração, produção e execução das obras foi, em primeira instância, pensá-las em seu caráter educativo, considerá-las pedagogias culturais ao incitar o debate – por vezes repulsa e indignação – aquelas/es que visitariam a exposição ou que passariam pelos corredores. Considerando o trânsito de um grande número de estudantes das mais diferenciadas licenciaturas, buscamos visibilidades às práticas artísticas contemporâneas que visam a autotransformação, a desconstrução de narrativas autoritárias e misóginas sobre os corpos.

Tramações visibilizou outras maneiras de se viver o feminino, deslocou a trama feminista para além do sujeito mulher (BUTLER, 2003), denunciou violência de gênero, legitimou desejos dissidentes e reforçou a necessidade de uma formação pedagógica e profissional voltada para a diversidade.

No entanto, a exposição coletiva também provocou críticas que foram acolhidas e pensadas no período de avaliação do percurso. O grupo frequentava o âmbito acadêmico e transitava por uma classe social e intelectual privilegiada, incitando algumas perguntas: quais feminilidades e masculinidades ficaram ausentes ou à margem do conhecimento legitimado? Onde estavam outras/os produtoras/es de poéticas do corpo? Quais sentidos do feminino/masculino produzidos na periferia ou em zonas afastadas das grandes cidades e/ou da universidade?

Ao mesmo tempo, o bilhete “o mundo se perdeu!!! Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém. 1 COR 6.12”, deixado em uma de nossas obras, também provocou perguntas: será que nossas “versões de realidade” estavam sendo impostas aquelas/es que visitaram a exposição ou até mesmo ao grupo proponente? Como nossos “empoderamentos” poderiam, também, ser discursos repressivos e excludentes? Quanto também estávamos presas/os em narrativas colonialistas sobre fazer arte e viver o feminino/masculino? Nossas práticas educativas e o trabalho de mediação cultural durante a exposição veicularam discursos afirmativos, autoritários ou de desconstrução?

“O ato pedagógico é um acontecimento imprevisível, é uma performance em suspensão. A aprendizagem já não se produz no plano do previsível/planificável ou

sobre noções já preestabelecidas” (RODRIGO; COLLADOS, 2014, p. 27). Por isso, os maiores desafios ao finalizar as ações da primeira edição foram repensar os impactos e objetivos alcançados e acolher as diferentes maneiras de ver/viver/sentir o mundo.

Tramações (2ª edição) voltou ao cenário artístico pernambucano com apoio institucional e fomento através de recursos financeiros provenientes do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura. No entanto, os desafios nos processos de mediação cultural foram ainda mais profundos, complexos e significativos. Fomos obrigados a pensar sobre nossa segurança pessoal e integridade física ao abrir a galeria Capibaribe para visitas. E ainda, apresentar nossas ações diante de um cenário de tentativa de censura artística e radicalismo religioso.

Após transcorridos vinte dias de exposição, sete ações específicas de mediação cultural e com um sentimento de boa receptividade pela comunidade acadêmica, fomos surpreendidos pela nota de repúdio publicada pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE), pela veiculação midiática de imagens descontextualizadas, pelos pronunciamentos de lideranças políticas na Câmara de Vereadores de Recife e na Assembleia Legislativa de Pernambuco, bem como pela procura da mídia e pelas listas de discussões acaloradas nas redes sociais.

Poderíamos considerar o efeito destas ações como um *marketing* reverso que favoreceria a divulgação da exposição se não fosse uma série de notícias e críticas severas veiculadas nas redes sociais e que incitaram palavras de ódio e ameaças direcionadas aos estudantes e proponentes envolvidos na exposição. Entre elas: *“temos que ir lá e quebrar tudo, isto eh grande ofensa com nossa religião, se fôssemos tão fanáticos quanto os muçulmanos ia ter banho de sangue, a sorte deles são a enorme pacificidade dos cristãos”*.

A partir disso, não estávamos enfrentando somente críticas as nossas produções artísticas e aos nossos processos de mediação cultural, estávamos diante da instauração do medo e da ruptura de nossos direitos enquanto cidadãos. Preocupada, uma das estudantes registrou:

Fiquei com medo. A minha instalação está entre as mais odiadas e tô com medo de alguém quebrar minhas coisas. Não quero que

destruam minhas coisas que são tão valiosas pra mim. Gente... Os objetos da minha mãe, o quadro da minha avó... Tô com medo de ser denunciada por algo que nem quis dizer.

Entendemos que vilipendiar ato ou objeto de culto religioso é um conceito controverso e que não se aplica quando um objeto, possivelmente ainda sem o “título” de sagrado, é ressignificado. Apresentar outros sentidos aos objetos e suas histórias, atribuindo novo significado as nossas relações com os mesmos são ações previstas pela Constituição, art.5º, IX, que diz que “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”.

Além disso, as interpretações das poéticas expostas na Galeria Capibaribe evidenciaram o grau de complexidade em que nossas produções estavam inseridas. De fato, a arte tem cumprido o papel de provocar distintos olhares, desacomodar modos de pensar e perturbar conceitos consolidados.

Os embates culturais oriundos da maior visibilização social e política da comunidade LGBTT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) nas duas últimas décadas tem provocado fortes discussões no campo de formação de professoras/es. Tornou-se urgente discutir questões de gênero e sexualidade nos cursos de licenciaturas para que as/os educadoras/es possam contribuir com a promoção da igualdade de gênero, combate às discriminações e legitimação de vozes marginalizadas. A atuação profissional das/os professoras/es e das/os artistas representa um dos caminhos para que situações de violência contra as mulheres e/ou sujeitos não heteronormativos sejam superadas.

O desenvolvimento deste projeto cultural alinhou-se a ideia de que professoras/es e estudantes em processo de formação profissional se tornarão agentes de posterior reflexão crítica sobre formas de poder, marcadores sociais da diferença e movimentos sociais minoritários. Assim como Judith Butler (2002) afirma em sua obra “Corpos que importam” discutir sobre a constituição e identidades de gênero e sexualidades tornou-se uma exigência da contemporaneidade. A urgência do pensar a formação de professoras/es para questões de gênero e sexualidades incentivou-nos a investir nos processos de mediação cultural. Além disso, divulgar

como nosso trabalho poético e educativo estava sendo pensado e desenvolvido seria uma resposta direta as acusações de vilipêndio religioso.

Processos de mediação cultural como possibilidade de diálogo

Destaca-se que as ações de curadoria, montagem, expografia e mediação cultural foram/são realizadas pelos estudantes durante formação pedagógica. As produções poéticas também foram produzidas pelos universitários a partir de narrativas pessoais. Ressalta-se que nenhuma das obras citadas pela nota de repúdio emitida pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE, no dia 28 de maio de 2018, trata de insulto, menosprezo, desprezo e/ou ultraje a atos, rituais ou objetos de culto religioso. Trata-se sim, de uma ressignificação de objetos oriundos das memórias, lembranças e registros subjetivos dos artistas envolvidos. Vale ressaltar que as poéticas mencionadas foram elaboradas por artistas que fazem parte da comunidade cristã e que professam discursos de fé. De fato, Tramações (2ª edição) buscou o confronto respeitoso de ideias, a desestabilização de verdades consolidadas e a provocação de olhares para a legitimação das diferenças sem desmerecer a imagem e/ou crenças de grupos religiosos.

Desde sua concepção Tramações (2ª edição) foi emaranhada aos processos de mediação cultural, buscando entender como os diálogos com os visitantes poderiam interferir nos processos de criação e alavancar discussões pertinentes sobre gênero e sexualidades.

Perguntamo-nos para quem estávamos mediando e qual o foco desta mediação. Para Rejane Coutinho (2013, p.154) “abrir este campo minado das práticas artísticas, temos que ser cautelosos. Na condição de agentes mediadores, neste contexto, cabe então nos perguntar: para quem fazemos a mediação? Qual o foco prioritário deste trabalho?”

A princípio, formulamos estratégias específicas de mediação cultural. Com o público espontâneo estabelecemos uma mediação cultural baseada na receptividade cordial e oferecimento de explicações específicas caso fossem solicitadas. Também combinamos que nossos direcionamentos seriam baseados na rememoração de fatos pessoais a partir das obras. Ou seja, o contexto das obras e suas questões técnicas seriam apresentadas posteriormente a pergunta “o que esta obra diz de

ti/de nós?” A expectativa estava ligada ao fato de produzir diferentes sentidos sobre as obras e instaurar a ideia de que as poéticas são oriundas de experiências vividas que ganhariam ressignificações com as vivências dos visitantes.

Com grupos agendados também seguimos com o objetivo de suscitar discussões a partir das possíveis relações pessoais dos visitantes com as obras. No entanto, também planejamos rodas de conversa instigadas por perguntas provenientes das relações diretas com as obras.

Diante das notas de repúdio e das severas críticas recebidas por grupos religiosos percebemos que os processos de mediação cultural deveriam ser revistos e replanejados, mantendo o princípio do acolhimento de pensamentos diversos e autocrítica nos momentos específicos de avaliação das ações.

Também repensamos nossas estratégias de mediação cultural ao percebemos o interesse do público por maiores informações referentes as peças da exposição e percepção do impacto que a maioria das poéticas despertava nos visitantes. Uma das artistas/estudante que teve sua poética como alvo de críticas disse: *“as pessoas nem sabem do que se trata. Nem conhecem o processo e a história do trabalho. Eu falo de um autorretrato, refaço cenários das memórias que tenho das casas das minhas avós, e eu sou cristã”*.

Nossa primeira ação de mediação cultural foi divulgar um convite específico para a comunidade acadêmica, posicionarmo-nos diante das ações de repúdio:

O grupo proponente de Tramações (2ª edição) entende que a compreensão dos movimentos artísticos, das discussões estéticas e da fruição do campo das Artes Visuais não faz parte do repertório sócio cultural da maioria dos integrantes da comunidade. Com isto em mente e buscando atingir o nosso 4º objetivo (Promover ações educativas para as/os visitantes da exposição) convidamos aos interessados para uma visita mediada a nossa exposição com a intenção de compartilhar experiências/modos de pensar e acolher concepções distintas. Tramações (2ª edição) insere-se em um contexto educativo, por isso, estamos ansiosos pela oportunidade de trocar, respeitosamente e cordialmente, modos de pensar.

A segunda estratégia de mediação cultural direcionava as visitas espontâneas para as seguintes etapas: acolhida aos visitantes, apresentação das informações

técnicas e descrição de algumas obras, encaminhamento para as obras que contavam com a presença dos artistas e busca pela oportunidade de relacionar as poéticas com as nossas experiências subjetivas e, se possível com as experiências dos visitantes. Entendendo que as possibilidades de mediação cultural poderiam reverberar para momentos posteriores, cada visitante recebeu uma carta contendo perguntas instigantes para posterior autorreflexão. Entre elas: quais tuas heranças familiares sobre gênero e sexualidades? Você já escutou falar sobre corpos pós-humanos? O que seria isso? Quais os corpos que escapam? Que contradizem nossas versões de realidade? O que é um corpo transgênero? Transsexual? Intersex? Como tua sexualidade está relacionada as questões religiosas e espirituais? Como você interage com aquelas/es que não atendem a normatização dos corpos femininos e masculinos? O autorretrato feito por mulheres representa ferramenta política na luta contra a desigualdade de gênero na arte?

A terceira estratégia de mediação cultural referiu-se ao investimento em um jogo educativo para ser aplicado com os grupos agendados. Neste jogo da memória, cada integrante era inicialmente instigado a buscar a obra exposta que tivesse relação com a descrição apresentada nas cartas que recebeu. Depois de encontrada, algumas perguntas eram lançadas para instigar o debate.



Figura 2: Jogo Pedagógico para Mediação Cultural em Tramações (2ª edição). Silvia Oliveira.

Diante da pergunta de uma estudante proponente de Tramações “será que vão quebrar nossas obras? Podem surgir coisas piores na Galeria” resolvemos incorporar um novo artefato em nossa mediação cultural: apitos. Uma ação

preventiva e protetiva para intimidar possíveis agressões enquanto estivéssemos na Galeria e em outras instalações do Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

O público em geral demonstrou interesse, inquietações e abertura para versões de realidade distintas. Foi interessante notar o quanto estudantes de outros cursos de Licenciaturas também evidenciaram a necessidade de discussão sobre as questões de gênero e de sexualidades em seus processos de formação docente.

Questões de gênero e sexualidades nos processos de formação de professoras/es

A atuação nas disciplinas de formação docente (estágios curriculares obrigatórios e metodologias do ensino das Artes Visuais) no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco, apresentou inúmeros desafios destacados no artigo “Percurso narrativos na formação docente em artes visuais” (SILVA; BORRE, 2007) apresentado no 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Entre tantas, destacamos as inquietações e os acontecimentos escolares que evidenciam preconceitos e violências de gênero que impactam as/os licenciandos.

Questões de gênero e sexualidades batiam a porta das/os estudantes e exigiam formação pedagógica para além dos aspectos formais e conteudistas. Ao procurar qualificação docente para os enfrentamentos que vivenciavam no cotidiano da escola compreendemos que “as questões em torno dos gêneros e das sexualidades não envolvem apenas conhecimento ou informação, mas envolvem valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser” (LOURO, 2011, p. 62).

Buscar a realização de um trabalho pedagógico que privilegie as relações interpessoais, uma formação pessoal integralizada e a legitimação das diferenças exige, entre outras coisas, um investimento pessoal muito comentado, mas pouco praticado em nosso contexto: autorreflexão crítica das experiências vividas. Tramações (2ª edição) privilegiou o relato de experiências vividas como fonte de conhecimentos significativos. Sobre as narrativas Soárez (2015, p.7) afirma que:

a experiência vivida, o lugar habitado e o tempo transitado na cultura contemporânea começam a disputar seu lugar na conversação pública como enunciações legítimas, agora visíveis, legíveis e que se

podem escutar. Esta inscrição dos discursos de experiência e de vida no debate público e especializado que promovem as pesquisas narrativas habilitam a esperança de políticas de subjetividade, conhecimento e vida cotidiana alternativas, e o desdobramento da imaginação do pensamento social e cultural.

Professoras/es/artistas gerando e produzindo conhecimentos sobre suas práticas é uma estratégia significativa na formação docente. Em *Tramações* (2ª edição) as/os licenciandas/os tiveram espaço para descrever suas experiências, contar suas histórias e opinar sobre as narrativas das/os demais. É possível que, ao participar deste tipo de processo reflexivo, promovam propostas semelhantes com suas/seus alunas/os. Se a/o professora/r se vê e atua como protagonista na construção de conhecimentos, provavelmente, promoverá protagonismo.

As trocas de relatos ajudaram a compreender “como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e narrar. Preocupa-se, ainda, com a compreensão de como essas práticas configuram ideias, conceitos e representações” (MARTINS e TOURINHO, 2009, p.1-2).

A exposição coletiva apresentou ao público vinte e nove poéticas oriundas de narrativas pessoais que transbordaram memórias e lembranças relacionadas a gênero e sexualidades. Inúmeras obras foram alvo de censura e acusadas de vilipêndio religioso. No entanto, três delas destacaram-se na polêmica por serem consideradas ofensivas as crenças cristãs. Foram elas: “Segredos” (2018) de Luciana Borre; “A garantia do céu” (2018) de Laudicéia Cavalcante e; “Autorretratos” (2018) de Lizandra Casé.

Segredos, 2018, de Luciana Borre, registrou – não revelou – como tem sido sua relação com Deus e os caminhos que tem percorrido para reequilibrar a fé. *Faltava-lhe o peso de um erro grave* até que decidiu desobedecer as verdades que criou e ressignificar o mais belo de todos os livros: a Bíblia. A artista decidiu intervir na Bíblia Sagrada colando fotografias, recortando páginas, destacando trechos que falavam de si, acrescentando folhas com histórias de vida. Queria construir algo COM Deus e ficou motivada a pedir ajuda. Os rabiscos, as tintas, as imagens, os rasgões são aproximações – muitas vezes revoltadas/indóceis/furiosas – à imagem que criamos

de Deus. “Ajuda-me a construir algo COM Deus?” foi a proposta que lançou para algumas amigas.

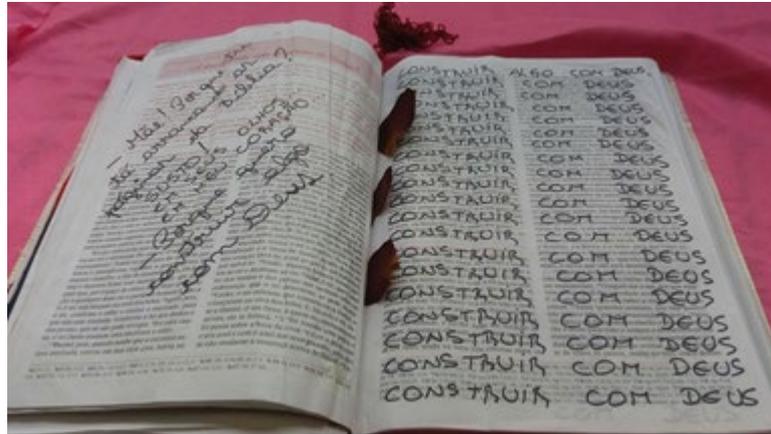


Figura 3: Segredos, 2018, Luciana Borre. Instalação com Bíblia. 50cmx10cmx40cm.

“A garantia do céu”, 2018, de Laudicéia Cavalcante explora o universo dos corpos subjugados, sonhos reprimidos e desejos castrados por crenças e verdades consolidadas. Estes corpos, flagelados espiritualmente, buscam um lugar no céu.



Figura 4: A garantia do céu, 2018, Laudicéia Cavalcante. Instalação.

“Autorretratos”, 2018, de Lizandra Santos diz que há memórias que nunca foram tocadas ou presenciadas, mas que circulam em nosso imaginário tal como o sangue circula em nossas veias, vindo de outras partes que não somos nós, mas que estão

exposição Queermuseu, no Santander Cultural de Porto Alegre (2017), bem como o cancelamento da peça “O Evangelho Segundo Jesus, rainha do Céu”, no Rio de Janeiro (2018). Sendo assim, o registro e a comunicação de tais acontecimentos também se tornam uma ferramenta política de denúncia e de fortalecimento das comunidades científicas que pensam a arte como caminho de provocação e criticidade.

Notas

¹ ANAJURE emitiu Nota de Repúdio à exposição “Tramações”, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). <<https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-de-repudio-a-exposicao-tramacoes-na-universidade-federal-de-pernambuco-ufpe/>>. Acesso em 28/05/2018.

² Vereadora Michele Collins critica exposição Tramações. <<https://www.youtube.com/watch?v=FcGWc-NYEW>>. Acesso em 30/05/2018.

³ Pronunciamento do Dep. Pastor Cleiton Collins (PP) durante a 59ª Reunião Plenária da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco.

<<https://www.youtube.com/watch?v=jo4fla5ARHw&feature=share>>. Acesso em 31/05/2018.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del ‘sexo’*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

COUTINHO, Rejane. A formação de educadores como mediadores culturais. In: ARANHA, Carmen; CANTON, Katia (Orgs.). *Espaços da Mediação: A arte e seus públicos*. São Paulo: Museu de arte contemporânea da Universidade de São Paulo, 2013, p.151-1164.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação permanente do professorado: novas tendências*. São Paulo: Cortez, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente*, v. 4, 2011, p. 1-6.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: *Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura -CEAC*. Santa Maria: 2009, p. 1-12.

RODRIGO, Javier; COLLADOS, Antônio. Enredando-nos dentro e fora das pedagogias: paradoxos e desafios das políticas e Pedagogias Culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Editora UFSM, 2014.

SILVA, Maria Betânia; BORRE, Luciana. Percursos narrativos na formação docente em artes visuais: estágios curriculares obrigatórios na UFPE. *Anais do 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Campinas: ANPAP: PUC-Campinas, 2017.

SOÁREZ, Daniel H. Investigação narrativa: outras formas de conhecer. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). *Pesquisa Narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação*. Buenos Aires: Editora UFSM, 2016, p.5-7.

Luciana Borre

Coordenadora dos Cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Professora e vice coordenadora no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). Mestre em Educação pela PUCRS (2008); especialista em Gestão e Planejamento Escolar pela PUCRS (2006) e graduada em Pedagogia pela UFRGS (2004).